

Atlas do impossível

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

ILUSTRAÇÕES DO PROJETO

M.C. Escher “Para cima e para baixo - estudo” (capa), “Autorretrato em espelho esférico” (p.14),
“Convexo e Côncavo” (p. 18), “Três Mundos” (p. 24), “Dia e Noite” (p. 54),
“Sonho” (p. 64), “Predestinação” (p. 68), “Espelho Mágico” (p. 100),
“Castelo no ar” (p. 108), “Fita de Möbius” (p. 114), “Torre de Babel” (p. 122),
“Árvores” (p. 138), “Relatividade” (p. 148), “Mãos desenhando” (p. 160),
“Ordem e Caos - contraste” (p. 190) e “Galeria” (p. 194)
(c) 2017 The M.C. Escher Company-The Netherlands.
Todos os direitos reservados.
www.mcescher.com.

PREPARAÇÃO E PROJETO DE CAPA
Dáblio Jotta

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M775A MONTEIRO FILHO, EDMAR. 1959 -
ATLAS DO IMPOSSÍVEL / EDMAR MONTEIRO FILHO. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

246 p. : 22,5 cm.

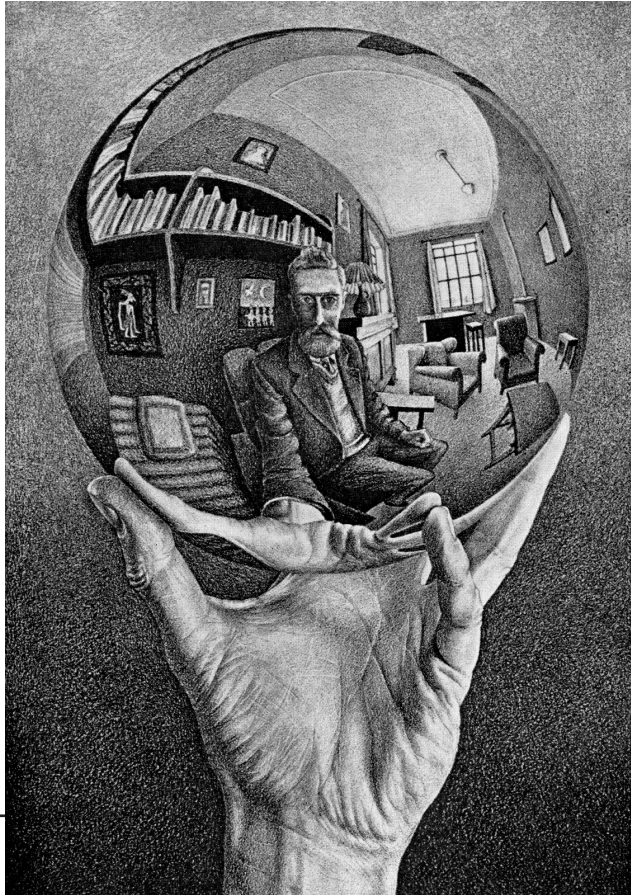
ISBN 978-85-5833-175-3

I. CONTOS I. TÍTULO

CDD.: B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



**AUTORRETRATO
EM ESPELHO ESFÉRICO**

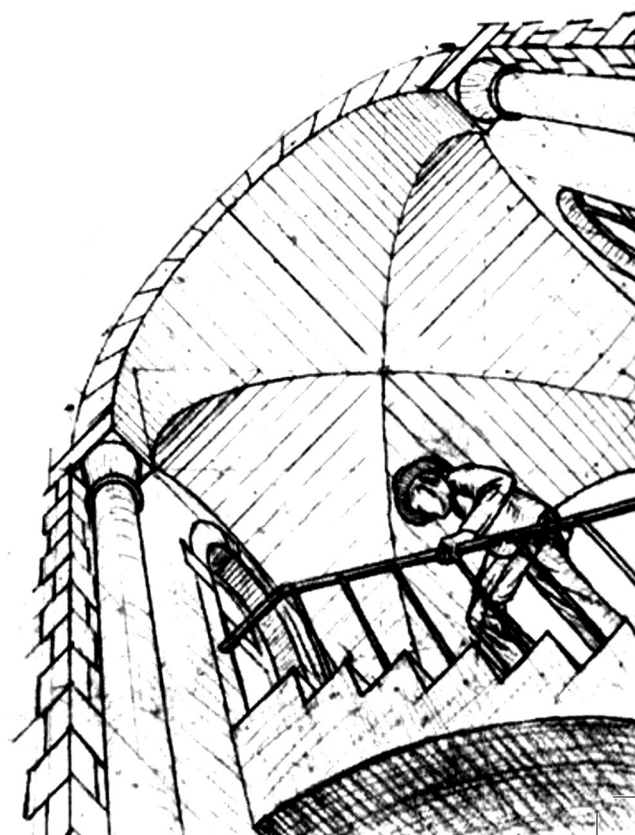
NO PRINCÍPIO, CAMINHAVA LENTO, seu passo imperceptível sugeria imobilidade. Chegava e seguia sem ser notado, paciente e mudo. Sua tarefa invisível notava-se em repentinas surpresas. Assim, a espera – se havia – era eternidades.

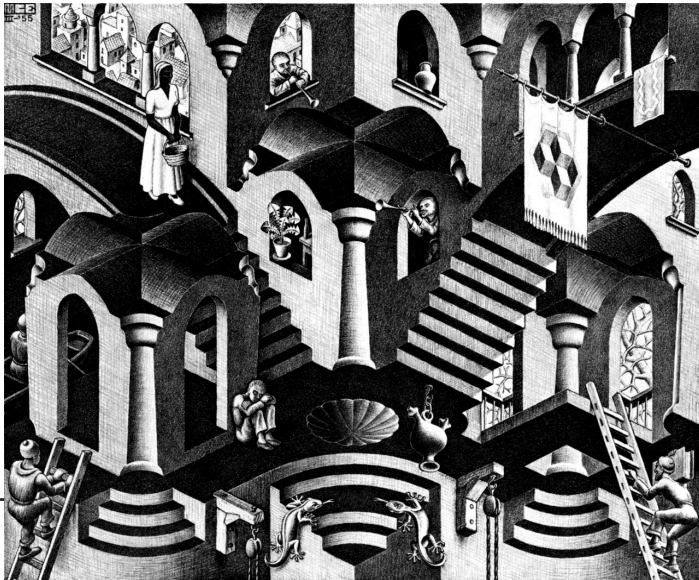
Mas a ansiedade é atirar-se nos braços da incerteza. Açoitado por descuido, foi pouco a pouco se fazendo mais presente. Era me voltar e encontrar os sinais de sua passagem em detalhes mínimos. Era apertar a vista para capturá-lo num vislumbre, dobrando uma esquina, à frente.

E foi ganhando intimidades. Mudou-se para a casa ao lado. Depois, mais próximo ainda.

Hoje, estende os braços adiante, caminha num andar vigoroso, não demonstra mais qualquer indecisão. Insaciável, devora tudo o que encontra. E o que encontra é tudo: sentimentos, objetos, lembranças, desejos, pessoas, lugares. Onisciente e onipresente, ignora

todas as tentativas para tocá-lo ou detê-lo. É pura pressa e voracidade, castigando-me o entendimento, fustigando-me o corpo. Frequenta o fundo dos espelhos, de onde me olha e sorri.





CONVEXO E CÔNCAVO

Ordem.

A SAÚDE RUIM, UMAS DORES que ninguém acha. Problema sério no trabalho. Até se gostam, mas o namoro não engrena. Comprou carro: bichado. Cansou de discutir com a mãe antes de aceitar a ideia da rezadeira.

Seu lugar.

A mulher é simpática. Manda entrar, oferece bolo. Presta atenção na história como se escutasse bem. Diz que reza espinhela caída, vento virado, ventre derrubado, cobreiro, olhado, fogo selvagem, mas o caso dele é outra coisa. Foi mulher que chorou por ele em cemitério. Sem querer, coitada, mas alma vadia ouviu e assumiu a dor. Agora judia dele.

Sem rir.

Mariana é bonita, mais que bonita; mulher inteligente, como ele gosta. Mas a coisa não ia bem na cama e aí não há amor que

aguenta. Veio outra Mariana, um ano mais velha e essa sim. Então, se tudo ia bem, por que de repente não ia? Não era saudades da outra, não era enjoo da uma. Era nada, mas era alguma coisa. Pensou em ir ao enterro do avô da primeira, para dar pêsames, ver outra vez o que sentia, mas preferiu não arriscar.

Sem falar.

Mariana esperou que sim, que ele fosse. Por isso a decepção, mais a tristeza da perda. Duas saudades: uma pronta, outra se fazendo. Durante o sepultamento, chorou à vontade, um olho para cada uma.

Mão direita.

O avô extraordinário: velho robusto, falador, bom de copo. Barqueiro no Japurá, nos anos 70. Daí, histórias da floresta, de contrabandistas, tribos perdidas. Morreu de teimosia, que médico nenhum prestava. Melhor suas rezas, ervas.

A outra.

Contava sobre a índia Suigue, da fronteira com a Colômbia. Velha, de uns sessenta, setenta; idade escondida como todo índio. Chegamos debaixo de aguaceiro: até aí, nada de mais. Deixamos o barco, furamos uns restos de mata derrubada, no abandono, até a aldeia. Nem isso, um barraco só, onde viviam os quatro que a varíola perdoara: a mulher, um sobrinho doido, um casal de irmãos de uns dez anos. Mais uns bichos murchos, uma roça boa e as coisas que os missionários tinham deixado. Nem FUNAI e governo, nem grileiros, nem missionários mais. Só os “Indianas”, de bloquinho, máquina fotográfica e maleta. É que os quatro últimos de uma raça lá. Queriam levar os meninos, cuidar e depois cruzar, feito bicho. Até eu sabia que aquilo não ia prestar: primo com primo já é doença, imagine irmão. Fora o pecado daquilo. O Indiana chefe gravou Suigue falando as coisas na língua dela, que o sobrinho não entendia – nem nada – e os meninos não sabiam falar. Quando ela ouviu a voz dela gravada, chorou de alegria: era alguém para conversar.



www.editorapenalux.com.br



edmont@uol.com.br



[/edmar.monteirofilho](https://www.facebook.com/edmar.monteirofilho)